

Pastore, em Honolulu, pede apoio aos

Honolulu — A delegação brasileira chefiada pelo presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, explicou ontem na conferência de banqueiros dos Estados Unidos que se realiza no Hotel Waikiki, a situação da dívida externa de seu país e solicitou apoio ao pacote de reescalonamento de US\$ 11,5 bilhões, aprovado pela Comissão de Assessoramento Bancário, que inclui US\$ 6,5 bilhões em novos empréstimos.

A sessão de 90 minutos a portas fechadas, assistida por mais de 200 banqueiros norte-americanos, faz parte de uma viagem por seis cidades através do mundo que a delegação de Pastore realiza para obter aprovação ao programa de reescalonamento dos 800 bancos credores do Brasil. No entanto, alguns bancos menores estão relutantes em endossar a aprovação ao plano dada pela Comissão de Assessoramento.

Ao comentar a reação ao plano, que prevê a concessão de mais empréstimos e mais tempo para o Brasil pagar sua dívida externa que sobe a US\$ 90 — 92 bilhões, a maior do mundo, o presidente da diretoria do Chase Manhattan Bank, William Butcher, disse que, embora nem todos os banqueiros o aprovem, a grande maioria tem apoiado o esforço de refinanciamento do governo do presidente João Baptista Figueiredo: "E eu espero que continuem endossando-o". "Eles não gostam particularmente dele, mas o colocarão em vigor. Acho que fizemos algum progresso. A pior coisa que podemos fazer agora é pular do barco quando estamos tão perto da praia", acrescentou.

Em sua explanação aos banqueiros, a delegação brasileira contou com a intervenção, também, da Comissão de Assessoramento Bancário, integrada por 14 bancos credores que aprovaram o plano de reescalonamento no mês passado, em Washington. Uma Comissão Coordenadora de 40 bancos se reuniu com Pastore, novamente, na semana passada na capital norte-americana.

O presidente-executivo do Chase Manhattan Bank, Thomas Labrecque, disse que não se esperava qualquer acordo formal na reunião de ontem dentro da Conferência da Associação de cinco dias, que termina hoje e conta com a presença de cerca de 6 mil banqueiros.

americanos